

Xilogravura no Parque Laje: pouca eficácia didática

Desde que o novo diretor do Departamento de Cultura do Estado assumiu seu cargo, a Escola de Artes Visuais (Parque Laje), seguindo sua orientação, recuou para uma posição mais conservadora, desfazendo a imagem que ali se criou de um "espaço urgente e emergente". Menos ênfase passou a ser dada aos eventos de vanguarda, tendo como contrapartida, aparentemente, maior atenção aos cursos. Dentro dessa nova orientação, o diretor Rubem Breitman tem realizado pequenas mostras setoriais — pintura, escultura, desenho industrial alternativo, gravura — reunindo obras de boa qualidade, mas com pouca eficácia didática, pela maneira como são estruturadas. Tome-se como exemplo a coletiva sobre xilogravura brasileira, que se realiza ali, neste momento, e que será substituída no próximo dia 11 por uma exposição sobre a gravura em metal.

Distribuída nas duas salas à entrada da Escola, a exposição reúne desde trabalhos de alguns de nossos pioneiros como Axel Leskoeski, Osvaldo Goeldi e Lívio Abramo, e nomes consagrados como Fayga Ostrower, Marcelo Grassmann e Maria Bonomi, até talentosos gravadores como Alex Gama, Liria Palombini e Neugroschel. Vai da gravura expressionista (Segall, Newton Cavalcanti) à gravura abstrata (Emanoel Araujo), passando pela gravura de cordel ou por ela influenciada (Isa Aderne e José Altino) e por gravadores que tangenciam, com seus trabalhos, a pop-art e a nova figuração (José Lima e Ana Carolina), com leves pitadas de erotismo e de ironia. E além de um esplêndido trabalho de Manoel Messias ("Por que

me abandonaste?"), repõe em circulação gravuras de Roberto Magalhães e Wilma Martins, artistas hoje dedicados ao desenho e à pintura. Mesmo sem proporcionar novidades — algum exemplo histórico menos conhecido ou jovens que possam surpreender por sua inventividade — é exposição que se vê com interesse e agrado. Do conjunto se destacam, "Mulata" (1154), de Lívio Abramo de um caráter bem mais formalista do que seu "Operário" de 1935, de sua fase social; as duas belas gravuras de Goeldi, "Pássaro da tempestade" e "Pescador perdido", sempre mergulhado na sua "noite moral" e eos mistérios insondáveis da alma humana, as gravuras abstratas de Fayga e Bonomi colocadas face a face, a primeira quase uma miniatura, com duas manchas e alguns grafismos que fazem lembrar Bissier, a segunda provocando impacto (ainda) com "Todos os túmulos do mundo", de 1957, na qual a forma geométrica está em perfeita consonância com o caráter político do tema. Emanoel Araujo é bem mais convincente com suas gravuras abstratas do que com os relevos ultracoloridos vistos em sua última exposição na Galeria Bonino, enquanto Isa Aderne consegue um esplêndido resultado com sua versão regionalizada da Via Sacra, as cenas distribuídas em composições circulares. Ana Carolina prossegue em sua crítica do cotidiano doméstico, associando imagens cruéis a frases-chavões, que emprega como títulos: "A mão que afaga", "Costurar é um ato de amor". Colocados lado a lado, em seqüência, Wilma Martins, Marcelo Grassmann e Roberto Maga-

lhães indicam a mesma raiz fantástica e demonológica, o último resvalando para o humor, o segundo para a ciência-ficção e a primeira mergulhando nas regiões mais profundas do seu ser.

Enfim, há o que ver na exposição. Falta-lhe, porém, um suporte didático tendo em vista que ela se realiza numa Escola de Belas Artes. E pouco colocar algumas fotos 18 por 24 ilustrando, superficialmente, o processo de gravação e impressão em madeira. Melhor seria colocar numa vitrine ou mesmo sobre uma mesa todo o material utilizado em xilogravura, inclusive as matrizes, que são geralmente muito bonitas. Aliás, a maioria dos trabalhos não traz indicação de autoria, título, datas e diante de alguns trabalhos fica-se em dúvida se se trata mesmo de xilogravura. Neste caso, a mostra poderia ser acompanhada de um texto que abordasse questões históricas e técnicas e cada trabalho poderia ter, ao lado, algum comentário crítico. Na verdade, mais ainda do que a apresentação do instrumental de trabalho, a mostra poderia estar vinculada à instalação de um ateliê público de xilogravura, à apresentação dos próprios gravadores em palestras e debates.

E a própria seleção de obras poderia ser mais abrangente no tempo e no espaço.

A direção da EAV poderá achar que estou exigindo muito, mas com o know-how didático já existente, limitar-se a solicitar de alguns artistas que emprestem seu quadro e em seguida pendurá-los na parede é, no fundo, puro comodismo. Fazer menos é impossível.



Xilogravura a cores, 1976,
de Emanoel Araujo

O Clube de Decoradores do Rio de Janeiro (Avenida Copacabana, 1100, 2º andar) anunciando a abertura de inscrições para seus novos cursos, que serão iniciados na próxima semana. Entre outros cursos, decoração de interiores, estilos brasileiros, desenho técnico, história da arte.

● E dois jovens artistas experimentais, Mauro Kleiman e Amador Perez também anunciam a realização no Centro Cultural Cândido Mendes, de um curso no qual pretendem explorar e experimentar as diferentes

linguagens e técnicas em artes plásticas. No plano do curso o exame das noções de ponto, linha, plano, volume, espaço, arquitetura e ambiente, além de contato e sensibilização no tocante à diversidade de materiais, instrumentos de trabalho e textura. Enfim, uma estrutura didática bastante semelhante à do Vorkurs, ou curso básico da Bauhaus. O curso será iniciado a 11 de março, mas as inscrições já se encontram abertas. Mauro Kleiman, Amador Perez e Denise Weller estarão expondo coletivamente na galeria do Centro Cultural Cândido Mendes, a partir de 31 de março.